



Perda de equilíbrio

A energia elétrica mais cara está levando indústrias que geram energia para o consumo próprio e de terceiros a aproveitar o momento para fazer caixa. Para Rafael Herzberg, sócio da Interact Energia, esse contexto torna as autogeradoras privilegiadas porque as de fora desse grupo não têm alternativa a não ser pagar energia cara para produzir. “O setor industrial já perdeu muita margem e competitividade. Vejo o mercado corporativo com muita preocupação”, analisou.

Para o especialista, a falta de sinalização clara do governo atrapalha o processo decisório das empresas. “Não há lógica, existe muita arbitrariedade. Isso não só afasta investidores como afugenta a indústria para o exterior. Outra tendência é a de a pessoa jurídica que queria vir montar fábricas no Brasil apenas licenciar empresa local, para não embarcar no Risco Brasil. É algo ruim para a economia”, destacou.

O presidente do Acende Brasil, Claudio Sales, vê um paradoxo no país, que tem múltiplas condições de gerar energia, mas exhibe grave gargalo na ponta. Além do preço alto da energia, quando falta chuva e as termelétricas têm de ser acionadas a todo vapor, o que ocorre ininterruptamente desde 2012, os encargos na conta de luz chegam a 40%. “É um movimento natural. Quem tinha excedente de energia colocaria à venda no mercado. Dado o cenário atual, faz todo o sentido do ponto de vista econômico”, ponderou.

Raul Velloso, especialista em contas públicas e autor do livro *Energia Elétrica a Caminho do Estrangulamento*, explica que a crise do setor é de oferta. Ele lembra que foi construído um sistema de térmicas para emergências temporárias porque essa fonte é cara. Só que há dois anos elas estão acionadas em tempo integral. “Isso reflete o fato de que a oferta não está se ajustando à demanda. Esse descompasso é resultado da escolha do governo pela modicidade tarifária, ou seja, a menor tarifa”, apostou. A ênfase nesse modelo, na opinião de Velloso, desestimulou a oferta. (SK)

A energia elétrica mais cara está levando indústrias que geram energia para o consumo próprio e de terceiros a aproveitar o momento para fazer caixa. Para Rafael Herzberg, sócio da Interact Energia, esse contexto torna as autogeradoras privilegiadas porque as de fora desse grupo não têm alternativa a não ser pagar energia cara para produzir. "O setor industrial já perdeu muita margem e competitividade. Vejo o mercado corporativo com muita preocupação", analisou.

Para o especialista, a falta de sinalização clara do governo atrapalha o processo decisório das empresas. "Não há lógica, existe muita arbitrariedade. Isso não só afasta investidores como afugenta a indústria para o exterior. Outra tendência é a de a pessoa jurídica que queria vir montar fábricas no Brasil apenas licenciar empresa local, para não embarcar no Risco Brasil. É algo ruim para a economia", destacou.

O presidente do **Acende Brasil**, **Claudio Sales**, vê um paradoxo no país, que tem múltiplas condições de gerar energia, mas exibe grave gargalo na ponta. Além do preço alto da energia, quando falta chuva e as termelétricas têm de ser acionadas a todo vapor, o que ocorre ininterruptamente desde 2012, os encargos na conta de luz chegam a 40%. "É um movimento natural. Quem tinha excedente de energia colocaria à venda no mercado. Dado o cenário atual, faz todo o sentido do ponto de vista econômico", ponderou.

Raul Velloso, especialista em contas públicas e autor do livro *Energia Elétrica a Caminho do Estrangulamento*, explica que a crise do setor é de oferta. Ele lembra que foi construído um sistema de térmicas para emergências temporárias porque essa fonte é cara. Só que há dois anos elas estão acionadas em tempo integral. "Isso reflete o fato de que a oferta não está se ajustando à demanda. Esse descompasso é resultado da escolha do governo pela modicidade tarifária, ou seja, a menor tarifa", apostou. A ênfase nesse modelo, na opinião de Velloso, desestimulou a oferta. (SK)